

DEBATE

Secretários de saúde divergem sobre PAS

Reunião realizada no "Estado" mostra opiniões divergentes a respeito do plano

Os secretários de saúde do município, Getúlio Hanashiro, e do Estado, José da Silva Guedes, divergem frontalmente sobre a proposta apresentada pela Prefeitura de São Paulo para alterar o modelo de assistência médico-hospitalar na Capital, o Plano de Atendimento à Saúde (PAS). O debate promovido no último dia 23 pelo *Estado*, com seis representantes do setor, terminou marcando o primeiro encontro entre os dois secretários para tratar do assunto desde que o plano foi anunciado, em janeiro deste ano, quando Hanashiro assumiu a Secretaria.

O plano prevê o cadastramento da população que usa a rede pública e o repasse das unidades a cooperativas de trabalhadores da saúde, remuneradas à base de R\$ 10,00 por morador cadastrado. O decreto de abril que criou o PAS foi contestado na Justiça por meio de mandado de segurança impetrado pela bancada do PT na Câmara, que obteve liminar barrando a criação. No início da semana, a Prefeitura decidiu recuar e enviou o projeto de lei à Câmara.

Participaram também do debate, mediado pela repórter *Stella Galvão*, o vereador e médico Nelson Proença (PSDB), o ex-secretário municipal Raul Cutait, o presidente da Associação Paulista de Medicina, José Knoplich, e o presidente do Sindicato dos Médicos do Estado, Tito Nery.

A polêmica que cerca o PAS alimenta-se, para Hanashiro, de resistência político-partidária à reforma do Estado, na qual ele inclui o plano. "Estamos promovendo a autogestão." Guedes rebateu: "O nosso compromisso é com a saúde pública de livre acesso à população." Nery quer respeito à Constituição de 88, que criou o Sistema Único de Saúde (SUS). O SUS assegura assistência à população em qualquer serviço público: "Saúde pública visa garantir direitos fundamentais de cidadania."

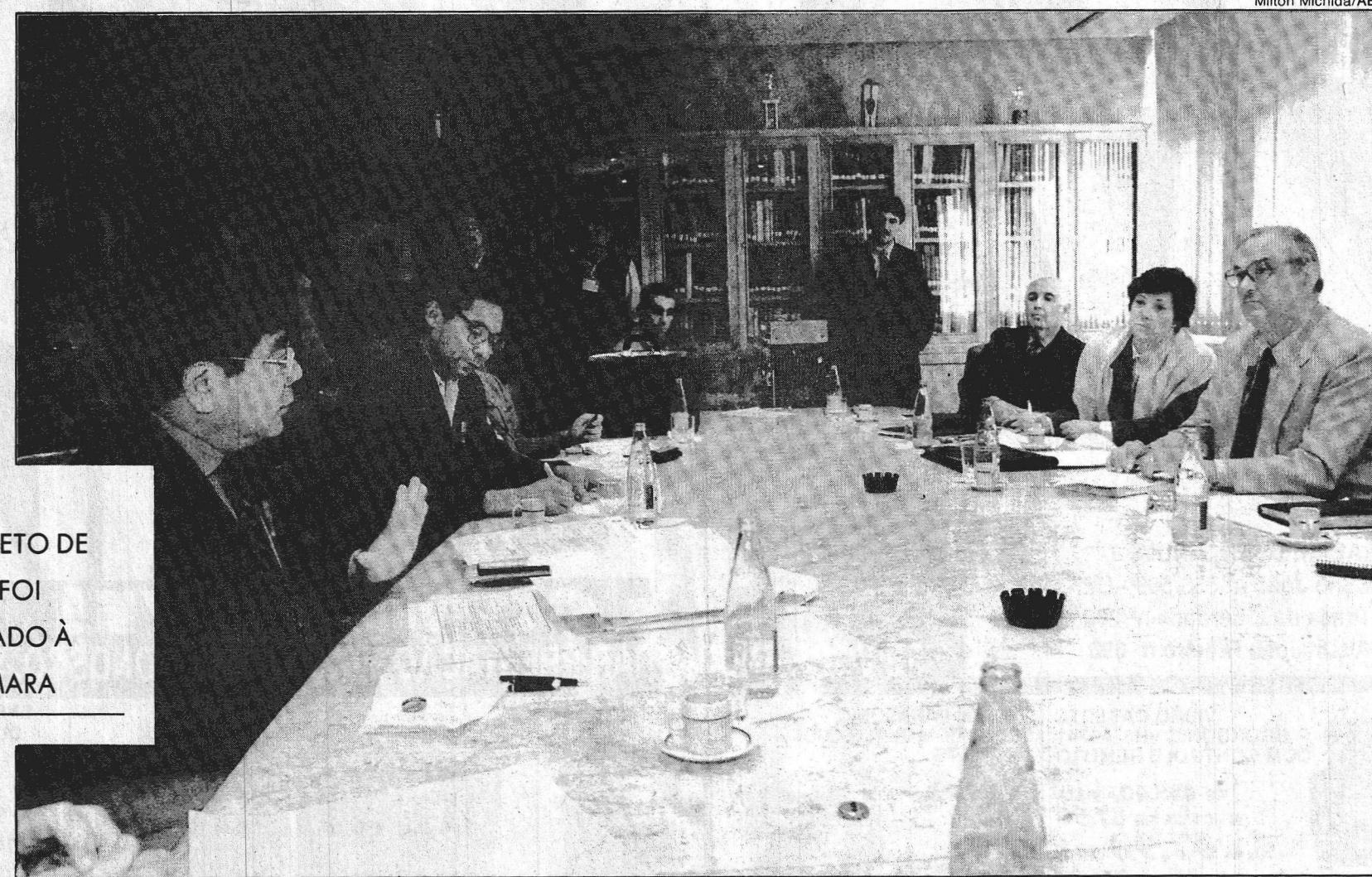
Para Knoplich, um entusiasta do plano, o PAS é a terceirização baseada no estímulo à produtividade: "É a volta da clínica particular e do médico de família, a criação dos agentes de saúde." Proença, médico que assume o primeiro mandato na Câmara Municipal, considera o plano inopportuno por ter abortado a negociação com o Estado para municipalizar hospitais e centros de saúde em pleno início de governo. "O PAS vai frustrar a população que acredita que terá agora um plano de saúde dos pobres", disse.

Ainda que não tenha se unido ao PT no mandado de segurança encaminhado à Justiça estadual que barrou a criação imediata do PAS por meio de decreto, a bancada do PSDB deve se posicionar contrariamente ao projeto de lei mandado à Câmara, segundo Proença. "Nos termos em que está colocado, haverá uma posição unânime contrária", afirmou. Cutait, que preside o Instituto para o Desenvolvimento da Saúde, defende soluções alternativas para o que ele classifica de "incapacidade que o Estado tem demonstrado de administrar bem, de atuar bem, de gerenciar bem, de financiar bem".

Ele fez restrições ao modelo de assistência adotado no plano. A decisão do prefeito em enviar o projeto de lei criando o PAS à Câmara foi vista com bons olhos pelos participantes do debate. Para Knoplich, o prefeito ouviu sua sugestão de não entrar em briga judicial. "Sabemos que o PT não dará trégua", contou. Proença considera que a Prefeitura cedeu na forma legal de encaminhar o assunto. "A briga na Justiça iria se arrastar indefinidamente e o mandado do Maluf terminaria antes", avançou. Tito Nery disse que o plano está desgastado pela forma como foi anunciado. "Isso pode influir na decisão dos vereadores." Cutait alertou: "A decisão que resultar dessa avaliação é tão grave ou tão boa a longo prazo que precisa envolver uma discussão profunda."

Leia amanhã

A segunda parte do debate sobre o Plano de Atendimento à Saúde (PAS)



Participantes do debate sobre o PAS: posturas diversas sobre a criação do plano de saúde desenvolvido pela Prefeitura de São Paulo

PROJETO DE LEI FOI ENVIADO À CÂMARA

Getúlio Hanashiro

"Se for fazer uma pesquisa para saber se a população tem acesso universal ao atendimento, a resposta será negativa."

Getúlio Hanashiro

José da Silva Guedes

"Aqueles postos de saúde que conseguem ter médicos funcionam e têm filas na porta, saí gente pelo lado."

José da Silva Guedes

Tito Nery

"Enquanto se discute o PAS, estamos há praticamente seis meses sem nenhuma intervenção na área de saúde."

Tito Nery

Nelson Proença

"A frustração da população vai ocorrer, na minha opinião, depois do funcionamento do PAS, em um a dois meses."

Nelson Proença

Raul Cutait

"Hoje, 70% dos atendimentos de urgência da cidade, por exemplo, são feitos nos hospitais da Prefeitura."

Raul Cutait

José Knoplich

"Estamos entendendo que o PAS permitirá ao médico internar nos hospitais públicos como se fosse numa clínica particular."

José Knoplich